

Olhando o céu e o mar, pisando a espuma,
na lassidão de quem vive a sonhar,
o coração voando feito pluma,
eu esperava o pescador chegar.

Minha emoção, qual nuvem que se esfuma,
fazia o sonho se desintegrar,
e eu me escondia, sem razão alguma,
quando o via, afinal, se aproximar.

Era uma ostra que mal respirava!
Mas um dia, sem ver, nem percebê-lo,
o pescador, na onda que chegava,

com gestos simples e num meigo olhar,
fez a concha se abrir com tal desvelo,
que a pérola, por fim, pôde brilhar...

Alba Christina, A Ostra; em Fanal 0110

Se a vida fosse sempre aquele mar-de-rosa,
ninguém daria à vida o seu real valor...
– é navegando sobre as águas tormentosas
que o timoneiro vai mostrar seu destemor!

Se um dia, alguém lhe fez promessas enganosas,
não se enclausure em mágoa! – esqueça o dissabor!
Lembre-se de que além das nuvens tenebrosas
estrelas, aos milhões, palpitam de esplendor!

Preserve a sua fé! – confie na esperança!
Se após um temporal o mar volta à bonança
assim, também após a dor vem a alegria!

A vida se compara à sábia natureza!
– ao fim da noite escura – em mágica surpresa –
a aurora acende a luz do sol de um novo dia!!!

Maria Madalena Ferreira, Pensamento Positivo; em
4ª Antologia Pôtica Vargas Netto, 2000, Centro Cultural
de São Borja: Caixa Postal 212, CEP 97670-000 – São Borja, RS

Não te apavores tanto quando o dia
não te trouxer sinais de bom agouro.
Rasga o teu verbo de filosofia
e faz menor o instante duradouro.

E mesmo que te faltes alegria
não trates esse dia com desdouro.
Recuperando as fontes de energia
resgata a fé que é o teu maior tesouro.

Faz despertar as luzes da esperança,
retoma a força da perseverança
que um grande alívio no teu peito aflora.

Procura a qualquer custo a tua calma
busca-a depressa lá no fundo da alma,
porque a paciência a todos revigora...

Analice Feitoza de Lima, Presságios; em Fanal 0202

Bauru, cidade querida,
és o meu berço risonho;
aqui vivi minha vida...
aqui plantei o meu sonho!

Ercy Maria Marques de Faria, em
Sem Limites 0208

A arte de uma trova plena
de um perfeito trovador,
é pôr na pesada pena
toda a leveza do amor!

Benny Silva, em
A Voz da Inspiração 0209

A paixão de Jesus Cristo
foi amar o mundo inteiro.
Eu também quis fazer isto
mas não passei do primeiro...

Walter Rossi, em
BI UBT São Paulo 0209

A paz se faz com amor
e o que mais nos desafia
não é plantar uma flor,
mas regá-la toda dia!

José Ouverney, em
BI UBT São Paulo 0211

Vendo um bêbado que tomba,
toda a rua se distrai...
Só Zé-Pretinho não zomba...
reconhece o próprio pai...

Mário Pacheco ♀, em
Trovalegre 0211

Fui casar-me e ao padre disse
pecados de arrepiar;
– Que penitência? Tolicie!
Não precisas... vais casar!

Guimarães Barreto ♀, em
BI UBT Magé 0107

Eis aqui uma receita
para ter felicidade:
procura manter perfeita
a tua serenidade.

Antônio Nilo Borges, cit. p/Haroldo

O apelo da Cristandade
em cada Natal reprisa
chamando a boa vontade
que o mundo tanto precisa.

Arthur F. Baptista, em
Koisalinda 9912

É Natal! Paire a ar
a canção de paz e amor
com que os anjos vêm saudar
a vinda do Salvador!

Branca M. M. Oliveira, em
Koisalinda 9912

Olhos sem visão.
Tateando vão enxergando.
Milagre das mãos.

Cyro Armando Catta Preta, Compen-
sação; de Palhas do Tempo, 1993

O que morreu?

No ar
uma tristeza
seca
se inicia o
que
não ouço dizer
o nome
tudo ou nada
aconteceu
no ar
o que eu matei?

Eunice Arruda, Outono; de
À Beira, 1999

Neste Natal de Jesus
olha um pouco os desgraçados
põe teu carinho, põe luz
nos sapatinhos furados.

Fernando Cruz,
em Koisalinda 9912

Tantas palavras
silêncio no jardim
e um caracol.

Guta Marques Porto; de
No Omro da Noite, 1992

Se no Natal, não te curas
dos males que se mantêm
em tua alma. Outras procuras
não vão resolver também!

Othniel F. Souza (dito Océf Souza)

Amigo é o que longe ou perto,
atende sem ser chamado,

Vai a formiga
grinalda de farinha
casar com o pão

Guta Marques Porto; de
No Omro da Noite, 1992

Café com pão
café com pão
café com pão

Virge Maria que
(foi isto maquinis-
ta?)

Agora sim
café com pão
agora sim
voa, fumaça
corre, cerca
ai seu foguista
bota fogo
na fonalha
que eu preciso
muita força
muita força
muita força

Oô...
Foge, bicho
foge, povo
passa ponte
passa poste
passa pasto
passa boi
passa boiada
passa galho
de ingazeira
debruçada
no riacho
que vontade
de cantar!

Oô...
Quando me prendero
no canaviá
cada pé de cana
era um oficiá

Oô...
Menina bonita
do vestido verde
me dá tua boca
pra matá minha sede

Oô...
Vou mimbora

(vou mimbora
não gosto daqui
nasci no sertão
sou de Ouricuri
oô...
Vou depressa
vou correndo
vou na toda

Oô...
Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como 'este foi difícil'
'prateou no ar dando rabanadas'

Walmira da Costa Barros,
Simplesmente Mulher, em Argila 6,
2001, aprpl@compuland.com.br

Vou mimbora

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como 'este foi difícil'
'prateou no ar dando rabanadas'

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como 'este foi difícil'
'prateou no ar dando rabanadas'

Presentes de Papai Noel,
e pinheiros enfeitados,
é tempo de menestrel,
– coro e cânticos velados...

Maria Edna Silva Lopes

Aproveito a deixa e quero
de forma mui fraternal
desejar-lhes, mui sincero
um Feliz e Bom Natal

Othniel F. Souza (dito Océf Souza),
em Koisalinda 9912

...Entardecendo!...

Céu todo cinzento.

Nem uma nuvem...

Não há leve brisa,

nem farfalhar do vento!

As folhas quietas

silenciosas,

nem brilham mais

as pétalas de rosas,

não balançam

os galhos do pessegueiro!

Os pássaros silenciaram...

É tudo melancolia

no despedir do dia.

Jacy Gomes Romeiro, Melancolia;
de Sinfonia do Lago, 1987

Engole em seco

veste a armadura

sai à luta

enfrenta o homem

ombro-a-ombro

no labor cotidiano

ganha seu pão

por necessidade

ou ideal

feita de nuvem

mel

e sal

não dispensa o sonho

ama o amor

entre o imaginário e o real...

vela o sono do filho

contemplando o sono do amado

nas horas de vigília

silenciosa

conta estrelas...

Walmira da Costa Barros,
Simplesmente Mulher, em Argila 6,
2001, aprpl@compuland.com.br

Manoel Fernandes Menendez

Buscai a justiça de Deus e tudo vos será dado por acréscimo.

Dez negrinhos numa cela
e um deles já não se move.

Fugiram de manhã cedo,
mas eram nove.

Nove negrinhos fugindo
e um deles, o mais afoito,
dançou: cruzou com uma bala...
Correram oito.

Oito negrinhos trabalham
de revólver e canivete;
roupa cáqui vem chegando,
fugiram sete.

Sete negrinhos passando
pela rua de vocês;
alguém chamou a polícia,
correram seis.

Seis negrinhos dão o balanço:
bolsa, anel, relógio, brinco...
Houve um erro na partilha,
sobraram cinco.

Cinco negrinhos de olho
na saída do teatro.
Um vacilou, deu boqueira...
Correram quatro.

Quatro negrinhos trombando,
todos quatro de uma vez.
Um deles a gente agarra,
mas fogem três.

Três negrinhos que batalham
feijão, farinha e arroz.
Um se deu mal: a comida
dava pra dois.

Dois negrinhos se embebedam
de brahma, cachaça e rum.
Discussão, briga, navalha...
e fica um.

E um negrinho vem surgindo
no meio da multidão.
Por trás desse derradeiro...
vem um milhão.

Bráulio Tavares, O Caso dos Dez Negrinhos
(Romance Policial Brasileiro); em Os Cem
Melhores Poetas Brasileiros do Século,
Seleção J. N. Pinto, Geração Editorial, 2001

A gente ainda é criança
tentando sempre o domínio,
pois o instinto ainda avança
e domina o raciocínio!
Manoel Fernandes Menendez

Artigo I. Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida,
e que de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II. Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,

Eis o poder: seus palácios
hospedam reis e vassalos,
messalinas, pajens glabros,
eunucos, aias, lacaios,
e até artistas e ratos.

Uma só migalha basta
à sordígia que se alastra,
e pronto surge uma talha
onde o cenário é lavado
para o próximo espetáculo.

O poder é assim: devasta,
corrompe, avilta, enxovalha,
do reles pároco ao papa,
e não há um só que escape
ao seu melífero contágio.

Se alguém o nega ou o afasta,
compram-no logo, à socapa,
a peso de ouro ou de prata.
E se acaso não o fazem,
mais simples ainda: matam-no.

Tem o poder muitas faces:
a que se crispa, indignada,
a que te olha de soslaio,
a que purga e chega às lágrimas,
a que se oculta, enigmática.

Mas são apenas disfarces,
formas várias que se esgarçam,
por entre véus e grinaldas,
porque assim vertem mais fácil
o vitriolo em tua taça.

E tu, rei de Tule, aos lábios
levas sempre, ávido, o cálice,
não por amor nem saudade
de quem se foi, entre as vagas,
de um castelo à orla do mar,

mas só porque, embriagado,
são de engodo as tuas asas
e de cobiça os teus passos,
que vão além das sandálias
e se arrastam rumo ao nada.

O poder é aquele pássaro
que te aguarda sob os galhos.
Tudo ele dá, perdulário.
De ti quer apenas a alma.
Por inteiro. Ou a retalho.

Ivan Junqueira, O Poder; em Os Cem
Melhores Poetas Brasileiros do Século,
Seleção José Nêumanne Pinto,
Geração Editorial, 2001,
Fone 0-11 3872-0984; Fax 3862-9031

Artigo IV. Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
dubidar do homem.

Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único: O homem confiará no homem
como um menino confia em outro menino.

Artigo V. Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.

Artigo VI. Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de
aurora.

Artigo VII. Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII. Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar-se amor a quem se ama
e saber que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX. Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.
Mas que sobretudo tenha sempre
o quente sabor da ternura.

Artigo X. Fica permitido a qualquer pessoa,
a qualquer hora da vida,
o uso do traje branco.

Artigo XI. Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII. Decreta-se
(que nada será obrigado nem proibido.
Tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único: Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII. Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.

Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegu.

Artigo final. Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários

com o coração aberto
e um sorriso iluminado.

Leonilda Hilgenberg Justus

que só leve
pouca gente
pouca gente
pouca gente...

Manuel Carneiro de Souza
Bandeira (1886-1968),
Trem de Ferro; em
Vou-me Embora pra Pasárgada
e Outros Poemas,
Seleção Maura Sardinha,
1997

e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha com um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.
Adélia Prado, Casamento; em Os Cem Melhores Poemas
Brasileiros do Século, Italo Moriconi, Editora Objetiva Ltda.,
2001, fone (0*21) 556-7824, fax 556-3322
www.objetiva.com.br

têm direito a converter-se em manhãs de domingo.
Artigo III. Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer o dia inte-
ro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

Thiago de Mello, Os Estatutos do Homem, em Os Cem Melhores
Poetas Brasileiros do Século, Seleção José Néumanne Pinto,
Geração Editorial, 2001,
Fone 0*11 3872-0984; Fax 3862-9031

OUIDAIS (TEMAS DA SAZÃO) VERÃO		
Sempre sorridente, sob a banca de jornal. Dia do Jornaleiro. Alison Cardoso de Oliveira	Ponta a ponta igual em cores deslumbrantes. Imenso arco-íris. Haroldo R. Castro	Praia escaldante gregos e troianos tomam... ...e provam... sorvete! Luis Koshitiro Tokutake
Grandes alegrias no Dia do Salva-vidas. Muita gratidão! Alda Corrêa M. Moreira	De costas, no teto, a captura de um inseto. Genial lagartixa! Hermoclydes S. Franco	Já chegando em casa, guri vira-se à cidade; fogos de reveiôm... M. U. Moncam
Retorno às origens. Os peixes subindo o rio, com a piracema. Antônio Seixas	Um círio de seda num caستيق encandado... - Antírio na sombra. Humberto Del Maestro	Ceia de Natal: vozes, risos, alegria, Festejam Jesus! Maria App. Picanço Goulart
Boiada magra alimentada com mandacaru flores no vaso. Carlos Roque B. de Jesus	Noite alta. Toró. E, vez por outra, um trovão amedronta a gente. João Batista Serra	Convite à alegria, aniversariante ausente. Carlão de Natal. Maria Reginato Labruciano
Para trás em frente, o crustáceo "crusta" um pouco. Percurso de lama. Demétrio Sena	peixes cantam e dançam... É a piracema! João dos Santos	destino ao Papai Noel. Resposta aguardada... Mariemy Tokamu
Pescador reclama, é chegada a vez dos peixes: piracema à vista! Denise Cataldi	Pouco exigente, a lagartixa contempla a mosca de frente. José Walter da Fonseca	Das fôrmas do céu descem translúcidas jóias. Granzio pulando. Nadyr Leme Ganzert
Vendo os lambaris, vovô parece criança! Sorrisos e palmas!... Frey M. M. de Faria	Verde gosma à sombra sob o cimento esmagada taturana morta. Larissa Lacerda Menendez	Passagem do ano. Nem castanhas, nem champagne. A voz de um amigo. Olga Amorim
do antírio, a flor em fatura miúda e tão bela! Fernando L. A. Soares	a banca já sendo aberta. Dia do Jornaleiro. Livia Lacerda Menendez	De repente, a chuva, grossa, de verão. Sergio de Jesus Luizato
No prato, com molho, um filé de surubim que falta no rio! Fernando Vasconcelos	Libélula evocada, tentando vencer o vento... Águas a recebem... Leonilda Hilgenberg Justus	Morada no campo. Ladeando a rústica entrada, malvas-rosa em flor. Walma da Costa Barros
Ao fundo da caixa cartão de Natal - letra infantil: - Ao Papai Noel... Guim Ga	Um risco no céu, em plena noite nublada. - Aguardo o trovão. Lucilia A. T. Decarli	Hortênsia podada retribui agradecida. Floração dobrada. Yedda Ramos Maia Patricio

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

**Remeter até 30.12.02, quigos à escolha:
Caramujo, Casa de Praia, Copo-de-leite.**

Remeter até 30.01.03, quigos à escolha:
Domingo de Páscoa, Sanhaço, Tamarindo.

Cada haicu deve ser com um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia (pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc.).
No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

TREVO À OCIDENTAL * – TREVO PERSONAGEM *

Tecendo uma teia,
para cativar a praia,
a aranha ou... o Amor.
Maria Reginato Labruciano

Perigo no mar,
salva-vidas usa binóculo.
Banhista teimoso.
Olga Amorim

Perene perfeitica *
jaz na sarjeta
rosa de seda.
Yara Shimada Brotto

2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAICUS EM FOLHA		
Na tarde de sol, cação acompanha o barco. Turista encantado. Djalda Winter Santos	Canecas tinindo no Dia do Agricultor. Campo verdejante. Regina Célia de Andrade	Uma chuva mansa no Dia do Agricultor. - Presente do céu! Maria Madalena Ferreira
Campo semeado no Dia do Agricultor uma festa verde. Alba Cristina	O arado repousa. No Dia do Agricultor festa no rancharinho. Analice Feitoza de Lima	Momento de pausa – sob um choro desfolhado um velho e uma enxada. Darly O. Barnos
Na noite escura um fantasma de mil braços... chorão desfolhado! Anita Thomaz Follmann	Chorão desfolhado... Tapete de folhas secas forçando caminhos. Elen de Novais Felix	Chorão desfolhado vergado à beira do rio. Natureza triste. Angélica Villela Santos
Sussurros de folhas percorrem as alamedas... Chorões desfolhados! Amália Marie G. Bornheim	Varanda coberta de tapete esverdeado, chorão desfolhado. Olga dos Santos Bussade	Um enorme estrago. Na procissão de formigas chorão desfolhado. Analice Feitoza de Lima
Passa o temporal. - Junto ao charco desfolhado... ...as lágrimas verdes!... Maria Madalena Ferreira	Um raio de sol visita o barço pesqueiro, colore os cações. Elen de Novais Felix	Enxada na mão. Dia do Agricultor. Trabalho não para. Cecy Tupinambá Ulhôa
à beira do rio vergado. Pedações de luar. Manoel F. Menendez	crianças brincando sob o guarda-chuva nu. Chorão desfolhado. Renata Paccola	Aos olhos de curiosos cação aparece. Analice Feitoza de Lima
Missa de congregamento na Fazenda Mãe. Olíria Alvarenga	E manhã de inverno, o vento passa zunindo! Chorão desfolhado... Djalda Winter Santos	Galharia nua busca o brilho da lua chorão desfolhado. Amariuri do Amaral Campos
Arraiá em festa. No Dia do Agricultor, sabor de colheita. Renata Paccola	Atrás das sardinhas, cação cai na malha fina... Pescador surpreso! Maria Madalena Ferreira	Na vasta planície, vê-se o amigão desfolhado com o vento impiedoso. Olíria Alvarenga
Chorões desfolhados umedece, com seus prantos, as folhas caídas... Amália Marie G. Bornheim	beija a terra descoberta - chorão desfolhado. Roberto Resende Villela	exibe aos companheiros enorme cação! Anita Thomaz Follmann
Repletas de calos Dia do Agricultor mãos se comemoram. Amariuri do Amaral Campos	O vento sacode todos os galhos da árvore. Chorão desfolhado. Cecy Tupinambá Ulhôa	Espigas de milho recebem beijos do sol; Dia do Agricultor. Olga dos Santos Bussade

O S E G R E D O D E V Í V I A N

Desde o Natal passado, a pequena Vivian guarda um segredo maior do que poderia acomodar, tanto que o divide: esconde parte no coração e parte no cerebrosinho esperto. Não havia pensado nele o tempo todo, durante o ano inteiro, mas no início de um novo dezembro, ao sentir no ar, nas luzes, na televisão, na escolinha, nos shoppings e no rebuliço geral os sinais de um novo Natal, o segredo voltou a deixá-la intensa e superior às crianças que conhecia.

Na escolinha, havia coleguinhas que diziam bem alto: - Papai Noel não existe!

Como se soubessem do que estavam falando! Ouvi-las era a confirmação íntima de que só ela sabia realmente o segredo. Se vinham dizer-lhe pessoalmente que ele não existia, iluminava-se poderosa, única, não conseguia esconder um quase sorriso de superioridade, e rebatia com toda a firmeza:

- Claro que existe! Eu conheço ele.

Tanta segurança numa criança de nem 4 anos abala certezas. Os meninos, que confiam e desconfiam mais depressa do que as meninas,

queriam saber detalhes, para decidir se tomavam nova posição nessa questão. Mesmo aquelas crianças cujas certezas vinham de pais que não gostam de mitos e encantos, mesmo essas ficaram acesas, atentas. Saber ou não saber é crucial na infância. Quem nada sabe, subordina-se; quem sabe, é general.

- Conhece ele? Como é que conhece, se ele não existe?

- Conheço e pronto - Vivian afirmou como se não pudesse dizer mais nada, como se tivesse chegado a um limite.

- Você viu ele? - perguntou umazinha, coadjuvante natural, daquelas mais apagadinhas e sujeitas ao brilho alheio.

- Vi e vejo - confirmou Vivian, inabalável na sua segurança.

- Vê nada! Vê onde? Todos são de mentira - desafiou o mais atrevido, buscando um dado concreto para rechazar a impostora. Ou para submeter-se à mais sabida.

- Sei muito bem que esses do shopping são de mentira. Não é desses que estou falando.

- De qual, então?

- Não posso contar - disse Vivian, e diante dos muxoxos de dúvida acrescentou um inquebrável ética:

- Ele pediu para eu não contar. Disse que é o nosso segredo.

Para muitos, estava explicado. Segredo é segredo.

Vivian vivera intensamente aquele segredo nos dias que se seguiram ao Natal passado. Sorria para o Papai Noel, que continuava na sua casa sem que ninguém adivinhasse, disfarçado, e ele sorria de volta, confirmando, pensava ela, confirmando o compromisso. "É o nosso segredo", ele havia dito. Que poderia fazer senão calar-se maravilhada, se havia descoberto contra a vontade dele o seu mistério? Naquele mágico Natal de música e primos, quando recebeu das mãos dele exatamente o presente que havia pedido e o abraço, sentiu nele aquele cheiro bom de todas as noites, olhou primeiro intrigada, depois devassadora e inescapável o homem por trás dos óculos, da barba, dos bigodes, abriu os olhos de

espanto e falou ainda presa ao abraço:

- Você é o meu...
- Psiu! Ninguém sabe! É segredo. É o nosso segredo!

Guardou com fervor o segredo. "Ninguém sabe" foram palavras mágicas. Então aquele era o único, o verdadeiro Papai Noel! Ninguém sabe. Se alguém mais soubesse, se todos soubessem, não seria segredo, ele seria como os outros! E era na sua casa que ele vivia o ano inteiro! Ninguém sabia, nem a mãe, nem o irmão, nem os primos, nem os amiguinhos da escola - só ela! O segredo inundou-a de uma felicidade insuportável e de medo de trair-se. Tinha de prestar muita atenção para não errar. Esteve tensa e cansada durante muito tempo, mas aos poucos esqueceu.

Até que veio outro dezembro, e com ele a volta da responsabilidade. Não, não, não! Não queria viver aquilo de novo, decidiu. Naquele Natal, pensou secreta e maliciosa, ia contar para todo mundo.

Ivan Ângelo, em Caderno 2/Cultura OESP 001224

Pobre analfabeto...
Tendo olhos, não pode ler
recados de amor.

O momento é um só.
Não se repete, jamais!
Sem cura é o remorso.

Sono e morte. Ação e vida.
Trilhos para o trem:
plac-plac... plac-plac...
paisagem passando...
Plac-plac... plac-plac...
O horizonte sempre.
Piu... piuuuuuu...
- Chegou!
- Aonde?!...

Plac... Plac...

No vestido antigo,
lembranças de um tempo amado:
cheiro de um Natal.

Folha amarelada
guarda perfume de mãos...
O ontem no hoje.

Inclinem-se aos livros,
o maior tempo possível.
Clarearão a estrada!

Nas marcas de passos nos
(caminhos,
a indicação do rumo seguido.
Suposições ou conclusões
(borbulhando...
Dúvidas ou certezas
agoniando... esperando...
O sol sorrindo.

Marcas

Multidão passando...
Cada um, no próprio mundo.
Inteiro fechado.

Leonilda Hilgenberg Justus, de Pedra Sem Fendas, 2002
Rua XV de Novembro 551, CEP 84010-020 - Ponta Grossa, PR

...E quando mãos se abrem
qual flores desabrochando,
o céu abençoa!

Leitura se faz
privilegio de alguns seres,
quando algo acrescenta.

Menino em seus livros
busca o sol para o futuro.
Luz projeta longe...

Livros na mesinha,
e livros na biblioteca.
Que valem, fechados?

Com palavras, faço
lindos castelos de sonhos.
Às vezes, reais.

Hoje e sempre e sempre,
enquanto chuvas e sóis...
viagarei de livro.

Nos sons do silêncio
ouço a voz da inspiração.
Silente, ditando.

Lindo sol na esquina,
tingia a emoção tão fria
de adeus em neblina.

Um lírio nasceu
no lixo. Venceu a força
da boa semente.

Momento é momento.
Não voltará nunca mais!
Se bom, leve-o na alma!

Caverna sonhava
com beijos quentes do sol...
Lágrimas no escuro.

As pontes floridas
prometem ao caminhante,
anseios saciados.

À noite, de alta colina,
Ponta Grossa é um fogaréu!
Ontem, luzinha em neblina...
hoje, em brilhos, toda um céu!

He comprado un libro para mí
libreria Baccani
envoltura para regalo
quitar el precio
y una cubierta
estéticamente interesante
he comprado un libro para mí
de páginas blancas
quizá mañana escribiré.

Un Libro para Mi

Espresme a alma
e sempre sai fora
essa palavra
incomunicável.

Incomunicável

Encerrado en la mente
un sueño
los viajeros
llevan consigo.

De Florencia a Boloña

Claudio Nobbio, de Los Veleros Llevan a Rio,
tradução Eduardo de Alejandro Moreno,
Editoriale Sette Florencia - Italia, 1983

Ah! nada eu sei de mais preço
nem nada mais inocente
do que um sorriso travesso
numa boquinha sem dente.

Paulo Setúbal (1893-1937), de O Bebê



¡Feliz Natal,
¡Feliz Año Nuevo!

Larissa Lacerda Menendez

Lávia Lacerda Menendez

Maria Iracema

Gomes Lacerda Menendez

Manoel Fernandes Menendez